



## O Grupo Escolar Carlota Barreira: “A estrela das obras sociais da paróquia” de Areia-PB (1968-1973)

*The Carlota Barreira School Group: “the star of social work in the parish of Areia-pb (1968-1973)*

**Yasmim Maria Dias dos Santos Inocência**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7675-3514>

Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE; Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, Brasil, [contatoyasmimdias@gmail.com](mailto:contatoyasmimdias@gmail.com)

**Niédjia Maria Ferreira de Lima**

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1289-2002>

Universidade Federal de Campina Grande; Unidade Acadêmica de Educação; Programa de Pós-Graduação em Educação, Campina Grande-PB, [niedjafilima@gmail.com](mailto:niedjafilima@gmail.com)

**DOI:** 10.21680/2596-0113.2023v6n11D30785

**Citation:** Inocência, Y, M, D. dos; Lima, N. M. F. de. (2023). O Grupo Escolar Carlota Barreira: “A estrela das obras sociais da paróquia” de Areia-PB (1968-1973). *History of Education in Latin America - HistELA*, 6, e30785. Recuperado de <https://periodicos.ufrn.br/histela/article/view/30785>

**Competing interests:** The author have declared that no competing interests exist.

**Editor:** Olivia Morais de Medeiros Neta

**Received:** 09/11/2022

**Approved:** 17/01/2023

**OPEN ACCESS**

### Resumo

O artigo aborda a história da criação do Grupo Escolar Carlota Barreira, em Areia-PB (1968-1973), e se insere no campo das instituições escolares. Inspirado no materialismo histórico-dialético, o estudo foi realizado mediante levantamento de fontes documentais. Identificamos indícios da forte presença da Igreja Católica na educação das crianças pobres e a ausência estatal no processo histórico de criação dessa instituição.

**Palavras-chave:** Instituição Escolar. Educação Assistencialista. Relação Estado-Igreja.

### Abstract

The article discusses the history of creation of the *Carlota Barreira* School Group located in *Areia-PB* (1968 – 1973) and it is inserted in the research field of school institutions. Inspired by historical-dialectical materialism, the study was conducted by means of a survey of documentary sources and subsequent analysis. We identified evidence of the strong presence of the Catholic Church in the education of poor children and the state absence in the historical process of creation of this institution.

**Keywords:** School Institution. Assistance Education. State-Church Relationships.

## Introdução

O presente artigo é resultado da pesquisa intitulada “Grupo Escolar Carlota Barreira: uma “obra benemerita” na cidade de Areia-PB (1968 a 1973)” e se insere no âmbito dos estudos sobre instituições escolares (Nosella, Buffa, 2013; Pinheiro, 2002). Este estudo teve como objetivo maior investigar o processo de criação do Grupo Escolar Carlota Barreira, no período de 1968 a 1973. O recorte temporal se justifica por corresponder ao ano de criação da instituição e seus cinco primeiros anos de existência, respectivamente.

Nosella e Buffa (2013) ressaltam que devemos investir nas investigações em instituições escolares por motivos como: valor afetivo, proporcionando ampliação dos sentimentos de pertencimento e saudosismo aos que fizeram ou fazem parte da instituição; conhecimento e preservação da memória; trabalho pedagógico desenvolvido; e importância da escola tanto para a comunidade interna quanto para a externa.

Neste sentido, buscamos abordar a criação dessa instituição como resultado das relações existentes entre a paróquia local – Nossa Senhora da Conceição –, o Padre Ruy Barreira Vieira, as freiras alemãs do Colégio Santa Rita e o Estado da Paraíba. A pesquisa foi inspirada no materialismo histórico-dialético (NETTO, 2006; KONDER, 2008) e realizada mediante análise documental, fundamentada nos estudos de Cellard (2008) e Kossoy (2012). As fontes selecionadas foram: documentos legais, livros memorialísticos, Jornal O Norte, fotografias e vídeo.

Coligimos os documentos legais no arquivo da Secretaria de Administração do Estado. Quanto aos livros, além dos disponíveis no Museu Solar José Rufino, contamos com a colaboração de cidadãos areienses, que nos permitiram acesso aos seus acervos particulares.

O Jornal O Norte, constante do acervo da casa José Américo de Almeida em João Pessoa-PB, é um veículo da imprensa paraibana, fundado em 07 de maio de 1908 pelos irmãos Oscar e Orris Eugênio Soares. Em 1954, foi incorporado aos Diários Associados, grupo pertencente ao empresário Assis Chateaubriand, considerado na época, o imperador da comunicação. A primeira edição do jornal circulou em 7 de maio de 1908 e a última em 1º de fevereiro de 2012 (BRITO, 2020). As notícias mais diretamente relacionadas à nossa pesquisa foram encontradas na edição de maio de 1968.

As fotografias, de autoria indeterminada, foram localizadas na própria instituição, guardadas em pastas, sem catalogação ou datação. Sua identificação, nos moldes apresentados neste artigo, tornou-se possível através de registros feitos nas próprias fotografias, na observação e relação construída entre estas últimas e os outros documentos de pesquisa.

Por fim, tivemos acesso ao documentário, produzido em vídeo pelo secretário da instituição, como parte da comemoração dos 45 anos da escola, disponível no canal do *youtuber* Wendell Oliveira.

Organizamos o texto da seguinte forma: além desta introdução, tratamos dos antecedentes de criação da instituição e, depois, abordamos aspectos relacionados à relação da paróquia local, do Padre Ruy, do estado e de outras instâncias da sociedade na criação do grupo escolar. Na sequência, analisamos suas contribuições para a educação das crianças pobres da cidade e, por fim, apresentamos nossas considerações finais.

Sabemos que a história da Educação é um campo de estudo amplo, que apresenta diversos objetos investigativos, dentre as quais está a das instituições escolares. Esse tipo de pesquisa envolve descobertas da realidade educacional para a compreensão da ação do homem na sociedade, possibilitando-nos pensar de forma crítica e rigorosa de que maneira trabalhamos para transformar essa sociedade. Além disso, nos dá condições de compreender as relações de poder e os mecanismos de exclusão que se produzem e se reproduzem em determinados contextos sociais (Nascimento, Nascimento, 2010).

No caso deste trabalho, investigou-se o Grupo Escolar Carlota Barreira, criado em 1968, criado sob um modelo que, naquele momento, já estava em decadência, como apontam alguns autores no campo dos estudos<sup>1</sup> sobre Grupos Escolares: Souza e Faria Filho (2006), Vidal (2006), Saviani (2019), entre outros. No contexto da Ditadura Empresarial Militar<sup>2</sup> no país, a criação desse grupo escolar chama a atenção por estar intrinsecamente relacionada com o poder religioso sob a figura do Padre Ruy. Os autores Pereira (2012) e Torres (1990) discutem, então, a atuação católica durante o período de 1964-1983 na Paraíba, trazendo, respectivamente, as figuras de Dom José Maria Pires, arcebispo da Arquidiocese da Paraíba e de Padre Ruy Barreira Vieira, vigário da Paróquia de Areia/PB. É possível inferir nesses estudos dois campos de atuação desses religiosos voltados à educação das camadas populares: o “progressista”, na pessoa de Dom José e sua defesa pela educação popular, conscientizadora e libertadora, pautada nas ideias de Paulo Freire e da Teologia da Libertação (Pereira, 2012); e o “conservador”, representado por Padre Ruy, cujas ações educacionais, denotavam ser “apassivadoras”, “assistencialistas” e concebidas como “obras de caridade” (Torres, 1990). Neste sentido, vamos percebendo indícios das relações entre Igreja e Estado na criação dessa instituição, portanto como aparelho privado de hegemonia (Gramsci, 1999).

## **Antecedentes de criação do Grupo Escolar**

A educação em Areia,<sup>3</sup> década de 1960, apresentava destaque e diversidade em relação aos outros municípios da Paraíba, recebendo investimentos de diferentes áreas, conforme ressalta Almeida (2010, p. 22):

[...] saber acadêmico científico; Domínio crescente da natureza; Aumento da riqueza e produtividade; Geração e difusão de ciência e tecnologia; Possibilidade de expansão a longo prazo; Promoção do desenvolvimento; Educação em todos os níveis e Ação conjunta no aprimoramento cultural e social.

Com base no excerto, Areia se destacava com relação à educação. Estavam presentes, na cidade, a força da Igreja Católica com as Escolas Paroquiais (Escolas Reunidas), o Grupo Escolar Monsenhor João Coutinho, o Ginásio Coelho Lisboa, o Grupo Escolar Santa Luzia (zona rural), o Colégio Santa Rita. Almejando a ampliação da educação para as camadas populares da sociedade areiense, o Padre Ruy Barreira inicia, então, um projeto de criação de uma nova instituição de ensino. Neste sentido, faz-se necessário conhecer brevemente quem foi este Padre.

**Foto 1 – Padre Ruy Barreira Vieira**



Fonte: Folhetim Paroquial pertencente ao Arquivo pessoal da Irmã Marta

Ruy Barreira Vieira nasceu em Jaguaribe-Ceará, em 1921, filho do casal Hilário Vieira de Souza e Carlota Barreira Vieira, vindo para a Paraíba ainda com 2 meses de vida. No seu tempo, foi iniciado nas escolas da região, cursou teologia e filosofia e foi vigário em algumas paróquias do estado, chegando à Areia em 1949. Encontra na cidade uma paróquia bem organizada e empenhada com as causas sociais, especialmente com o trabalho de caridade. É assim que inicia suas “construções” (TORRES, 1990). Em documentário produzido para comemoração dos 45 anos da Escola Carlota Barreira, uma das professoras fundadoras afirma que, ao chegar em Areia, a primeira preocupação do Padre foi de “ajudar os pobres, as viúvas, as velhinhas e as crianças que não tinham onde estudar” (DOCUMENTÁRIO – 45 ANOS “CARLOTA BARREIRA”, 2013).

A fotografia é um recorte de um Folhetim Paroquial, em sua capa apresenta-se duas imagens datadas, uma com o Padre Ruy jovem e outra em sua velhice, essas datas correspondem ao ano da chegada do Padre em Areia (1944) e do aniversário de 60 anos de exercício sacerdotal na cidade (2004).

Esse Padre, que tinha construído alianças com políticos e pessoas de grandes posses, organizou e construiu diversos “empreendimentos” culturais e assistenciais na cidade, tais como: o Centro Social Pio XII, o Albergue Pedro Simeão de Leal, a Creche Carminha Souza e o Grupo Escolar Carlota Barreira. Visando propiciar educação às “crianças pobres”, o Padre Ruy funda quatro escolas nas “pontas de rua” da cidade: a Escola Paroquial Sebastião Bastos, a Escola Paroquial Nossa Senhora de Fátima, a Escola Paroquial Monsenhor João Coutinho e outra cujo nome não foi mencionado. Essas escolas tinham dificuldades de funcionar, por serem formadas, praticamente, pelo mesmo corpo docente, que precisava transitar entre os extremos da cidade.

**Foto 2** – Professoras das Escolas Paroquiais e o Padre Ruy, em frente ao prédio da futura Escola Reunida (1953)



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

A fotografia acima apresenta o corpo docente das Escolas Reunidas, junto ao Padre Ruy. As professoras presentes na imagem foram também professoras das quatro instituições que culminaram nas escolas reunidas. Na imagem, formam-se duas fileiras, das quais foi possível identificar, na de pessoas em pé, da esquerda para a direita, as professoras: Vitória, Isabel, Iracema Moreira, Padre Ruy e Laura Medeiros. Na fileira de baixo, encontram-se sentadas Josefa Augusta, Elíta Ataíde e Lurdes Medeiros. É interessante observar, acerca dessa imagem, a presença feminina. Segundo Almeida (2014), a presença das mulheres nos grupos escolares não ocorreu de forma aleatória, pelo contrário, envolveu movimento de transformação de uma sociedade enraizada no machismo e na divisão de atividades por gênero. A fotografia também chama a atenção para o fardamento utilizado pelas professoras, saia abaixo do joelho e blusa de manga, todas padronizadas.

Em entrevista para o documentário dos 45 anos do Carlota Barreira, as professoras mencionam que o Padre Ruy era o diretor geral da instituição.

Não comportando a quantidade de alunos das quatro escolas, a Paróquia decidiu unir esses alunos em um único prédio, a que se deu o nome de Escolas Reunidas Padre Ibiapina. Com o tempo, essa instituição passou a receber mais de 700 alunos e não comportava mais a quantidade, já que era um prédio construído para assuntos religiosos e não foi pensado, a princípio, para ser uma escola, como mostra a fotografia a seguir (DOCUMENTÁRIO-45 ANOS DO CARLOTA BARREIRA, 2013).

**Foto 3** - Prédio Escolas Reunidas Padre Ibiapina (1954)



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

O prédio das Escolas Reunidas passou a localizar-se em uma área mais central da cidade, possuía poucas e pequenas salas, logo inadequado para receber crianças e adolescente de diferentes idades. Além disso, as condições da estrutura do prédio não eram boas – as salas eram separadas por divisórias de madeira, o que prejudicava sobremaneira a acústica do ambiente, e o piso estava em más condições. Via-se claramente que, mesmo em uma localização centralizada, a estrutura do prédio não era eficiente/satisfatória para ministração de aulas. A situação se tornava pior com a grande demanda de matrícula, pois que o espaço já não comportava o quantitativo de alunos matriculados.

Ao observar a Fotografia 3, podemos inferir que se capturou imagem das pessoas de forma espontânea, já que vemos o Padre Ruy saindo com materiais nos braços, homens, mulheres e crianças sem fardamento em uma conversa.

As Escolas Reunidas apresentavam um corpo docente feminino, e matinha práticas de celebrações e festividades religiosas, como a Páscoa, e cívicas como a Proclamação da República. Entre os anos de 1950 e 1960, essas com o crescente número de matrículas, fez-se necessária a construção de uma nova escola. O Padre Ruy iniciou, então, uma campanha de arrecadação de fundos, para a construção de um p específica que atendesse aos objetivos da escolarização das crianças e adolescents do município e adjacências, já que as condições do atual prédio eram insuficientes e improvisadas.

### **Grupo Escolar “Carlota Barreira”: “A Grande Estrela das Obras Sociais da Paróquia”**

O local escolhido para compra do terreno ficava ao lado do Artesanato Dom Adalto (prédio paroquial) e custou, na época, 52 mil cruzeiros, com déficit de 22 mil cruzeiros. O valor dessa obra foi arrecadado em campanha promovida pela Igreja em parceria com as freiras do Colégio Santa Rita, que doaram parte desse valor. Outras



doações foram arrecadadas pela conferência Episcopal Holandesa, por banqueiros da época e outras figuras políticas (TORRES, 1990).

**Foto 4** – Construção do prédio do Carlota Barreira: vista frontal



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

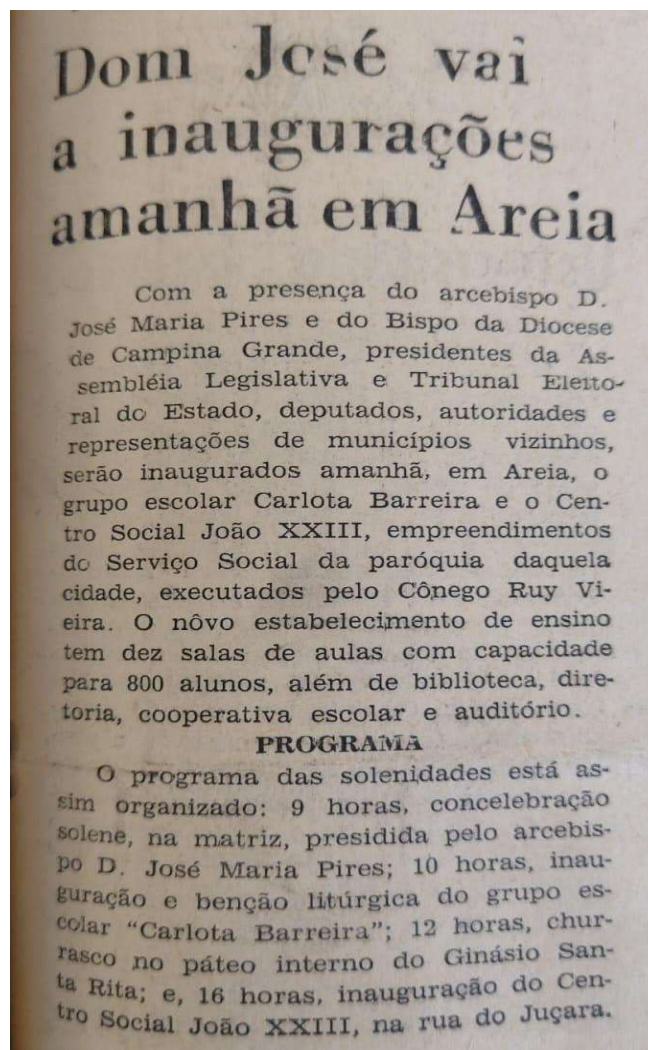
A foto acima foi feita quando o prédio escolar estava sendo construído. O intuito era criar uma estrutura que recebesse os 700 alunos das Escolas Reunidas e atendesse à demanda crescente de matrículas. Sendo assim, a obra constituiu 1300m<sup>2</sup> de área coberta e outra grande área sem cobertura – esta não apresenta metragem exata. A planta de arquitetura foi projetada por Dr. Zenon Sampaio (Torres, 1980).

Em 26 de maio de 1968, ocorreu, então, a inauguração do Grupo Escolar Carlota Barreira, que contou com festividades comemorativas. O primeiro ato de inauguração foi uma missa celebrada pelo Arcebispo Dom José Maria Pires. A celebração também contou com a presença de outros padres da região, além de políticos, estudantes, professoras e pessoas da cidade. Entre os políticos, estavam o prefeito da cidade da época – Elson da Cunha Lima –, um representante do Governador João Agripino – Ronaldo Cunha Lima – e outras autoridades. Após a missa, foi oferecido um churrasco para 350 pessoas, no Ginásio do Colégio Santa Rita.

Festividades comemorativas envolvendo práticas religiosas não é uma novidade e é elemento perceptível nessa inauguração. Autores como Saviani (2019), Pinheiro (2002) e Melo (2010) destacam esse movimento histórico envolvendo a Igreja e o Estado na construção social brasileira.

Encontramos, no jornal O Norte, uma matéria que informava sobre a vinda de Dom José Maria Pires para a cidade no dia 18 de maio de 1968, para a inauguração de algumas obras lideradas pelo Padre Ruy Vieira, incluindo o Grupo Escolar Carlota Barreira, e o programa das solenidades.

**Figura 1** – Recorte de jornal com a notícia sobre a vinda de Dom José Maria Pires para Areia-PB



Fonte: Jornal O Norte, 24 de maio de 1968. Disponível na hemeroteca da Casa José Américo de Almeida-João Pessoa/PB

Sobre esse acontecimento, Torres (1980) afirma que a vinda do Arcebispo Dom José Maria Pires causou alvoroço, pois, segundo ele:

[...] o meio católico areense se agita, com alegria e ansiedade por conhecer o novo Arcebispo da Paraíba [...] que fez sua primeira visita pastoral à Paróquia de Areia, terra natal do 1º.(sic) Bispo e do 1º.(sic) Arcebispo a ocupar o Sólido Pontifício da Província Eclesiástica da Paraíba – D. Aduato Aurélio de Miranda Henrique. (Torres, 1980, p. 175).

Esse mesmo autor relata a festa de inauguração dessa instituição: “Surge a grande estrela das obras sociais da Paróquia – o Grupo Escolar Carlota Barreira. A festa de inauguração foi preparada depois de mais de um ano de lutas e trabalhos contínuos de construção” (Torres, 1990, p. 176). A fotografia seguinte registrou essa solenidade de inauguração que, conforme destacamos anteriormente, contou com a presença de um grande público, entre autoridades, estudantes, representantes da Igreja, do município e da população em geral.



**Foto 5** – Inauguração do Grupo Escolar Carlota Barreira



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

Na solenidade de inauguração, o Padre Ruy realizou um discurso que foi transcrito por Torres (1990,) e que chama a atenção pela seguinte frase: “[...] entregando a comunidade a instituição que tem o **nome de sua genitora** e que se **destina a ministrar gratuitamente o ensino primário a 800 crianças pobres**” (p. 178, grifos nossos). Deparamo-nos, assim, com um registro que relata os acontecimentos da solenidade e que apresenta diversas leituras possíveis: a educação como assistência, divisão educacional entre ricos e pobres, entre outras.

**Figura 2 – Discurso de inauguração do Padre Ruy no dia 26 de maio de 1968**

Surge a grande estrela das obras sociais da Paróquia – o Grupo Escolar “Carlota Barreira”. A festa de inauguração foi preparada depois de mais de um ano de lutas e trabalhos contínuos de construção. Deixemos o registro dessa data com o próprio autor da obra, Cônego Ruy Vieira:

“No dia 26 de maio de 1968 foi solenemente inaugurado o Grupo Escolar Carlota Barreira.

Às 5h houve alvorada festiva pela banda de Música do Município.

Às 8h – Concelebração na Matriz, presidida pelo Arcebispo D. José Maria Pires e presença dos Exmos. Srs. Dom Severino Mariano de Aguiar e Dom Manoel Pereira da Costa, bispo de Pesqueira e de Campina Grande, respectivamente, além dos padres Fernando Montenegro Abath, Alfredo Barbosa, Cornélio Farias Belo, Manoel Palmeira, Everaldo Peixoto, Frei Arthur Reeckers, O.F.M. e o vigário. Às 10h, diante de autoridades, estudantes, representações de municípios vizinhos e grande massa popular, iniciaram-se as cerimônias de inauguração com a bênção litúrgica oficiada pelo Exmo. Sr. Dom Severiano Mariano de Aguiar. Falaram sucessivamente: o Pe. Ruy, entregando à comunidade a instituição que tem o nome de sua genitora e que se destina a ministrar gratuitamente o ensino primário a 800 crianças pobres; o acadêmico Francisco Elias Ramos, o Prefeito Elson da Cunha Lima, o Dr. Francisco Aldo, representando o Governador João Agripino, Dr. Ronaldo da Cunha Lima, e por fim, o Arcebispo. Às 13h foi oferecido a 350 convidados um churrasco, na quadra de esportes do Ginásio Santa Rita. Duas notas sensibilizaram profundamente o vigário: a alegria intensa das famílias areienses e a presença do Dr. Moacyr Barreira, vindo de Goiânia, no Estado de Goiás, especialmente para se associar àquela homenagem que era prestada à memória abençoada de Carlota Barreira.

Por dever de gratidão registro aqui a substancial ajuda da Conferência Episcopal Holandesa e a colaboração desinteressada do amigo Dr. Zenon Sampaio, autor do projeto.

A construção da obra com 1.300m<sup>2</sup> de área coberta custou, em dinheiro, apenas 52 mil cruzeiros, havendo, porém, um déficit de quase 22 mil cruzeiros...

Em sacrifícios e vigílias, custou-me muito mais, mas dentro de mim reina uma alegria imensa, compensadora porque, através da instituição recém-inaugurada e orientada para a promoção das crianças pobres de minha paróquia, prestei a melhor das homenagens à memória da querida e santa mamãe”.

Às 16h. – Inauguração do Centro Social João XXIII – Jussara.

Fonte: Livro Areia Paróquia e Pároco – 40 anos de Francisco Torres (1990, p. 176-178)

A transcrição do discurso do Padre, feita por Torres (1990), registra e confirma informações sobre a festividade de inauguração: “a alvorada festiva pela Banda de Música” de Areia, as pessoas presentes, a homenagem à sua mãe Carlota Barreira e também as atividades realizadas por ele para arrecadar fundos para a construção do prédio. O texto não deixa explícito o valor das doações diretas ou os nomes; neste sentido, também não é possível saber qual foi a função estatal no financiamento da construção de tal prédio. No documentário 45 anos Carlota Barreira, as professoras também não comentaram sobre como o Estado financiou esse Grupo Escolar. O que fica evidenciado em todas as falas é que o Padre conseguiu, com pessoas que conhecia, o valor de 30 mil réis e ficou com uma dívida de 22 mil cruzeiros, despesa sanada com a promoção de festividades beneficentes realizadas pela paróquia (DOCUMENTÁRIO “45 ANOS CARLOTA BARREIRA”, 2013). Essas informações nos permitem questionar sobre o porquê de esse valor não ter saído das verbas educacionais e, se algum valor veio dessa fonte, por que não está registrado nos depoimentos do Padre ou das professoras pioneiras?

Os registros fotográficos<sup>3</sup> do dia da inauguração ilustram o momento do discurso acima transcrito e mostram algumas das pessoas que estavam presentes no

momento. Seguindo os conceitos de Kossoy (2012), acreditamos nas fotografias como documentos que registram acontecimentos e eternizam memórias. Ainda que não sejam meros registros, é preciso considerar, contudo, que elas podem representar o olhar de quem as fez, a percepção do que se faz importante no momento do registro, além de ser apenas uma parte do acontecimento geral, já que existem outros ângulos e visões de uma mesma história.

### Fotos 6 e 7 – Discursos de Inauguração da Escola



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

Nas duas fotografias acima, podemos visualizar o Padre Ruy discursando e, ao seu redor, homens que Torres (1980) nomeia como pessoas importantes que influenciaram na construção do prédio. Dentre elas, Dom José Maria Pires, em duas imagens: na primeira, em frente ao Padre e, na segunda, em frente ao Professor Aldo, que discursou como representante do Governador da Paraíba. A Dom José também foi concedida a palavra para discursar, já que era presença ilustre de alguém que, no imaginário social, lutou com base nos preceitos cristãos pelo direito dos pobres de estudarem.

No mesmo dia da inauguração, houve uma missa de celebração, como anunciado na programação. A foto abaixo registra, mais uma vez, a presença direta da Igreja não só na idealização da instituição como também na formação ideológica dos sujeitos.

### Foto 8 – Missa de Inauguração



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

A equipe de docentes e discentes esteve envolvida em celebrações católicas nos primeiros anos da instituição. Esse aspecto é representado na fotografia que registrou a primeira missa. Nela estão presentes D. Palmeira – em posição de leitura, em destaque –; atrás dele, representantes católicos e, a direita de sua imagem, alunos fardados do Grupo Escolar Carlota Barreira. Pela ambientação da foto e reconhecendo a estrutura, é possível inferir que essa missa ocorreu na Matriz de Nossa Senhora da Conceição, igreja principal da cidade.

No documentário “45 anos da Carlota Barreira”, as professoras também comentam sobre a missa de inauguração e que, após a celebração, houve um churrasco oferecido para os convidados do Padre. Esse evento ocorreu no Colégio Santa Rita e contou com a presença dos representantes católicos, políticos, professoras da instituição e amigos próximos, não sendo encontrados documentos sobre a presença do alunado. Vê-se a ilustração do evento na foto a seguir.

### Fotos 9 e 10 – Churrasco comemorativo da inauguração



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira



A criação dessa Instituição aponta indícios, então, da relação direta com a Paróquia, com as freiras do Colégio Santa Rita e com as professoras da antiga Escolas Reunidas, que também eram fiéis católicas. Sua fundação recebeu a atenção de figuras do alto escalão católico e contou com a presença de políticos da época, como ficou registrado no livro de Torres (1980) e no Documentário “45 Anos Carlota Barreira” (2013), contudo a criação dessa instituição não foi fomentada apenas pelo Padre.

Certamente todo esse processo de criação e fundação do Grupo Escolar traz ao imaginário social o pertencimento existente e inegável entre o Padre Ruy e o grupo. Diferente do que era suposto antes de adentrarmos nas pesquisas, essa escola nasce já vinculada à rede estadual de ensino da Paraíba e, mesmo que fosse conhecida popularmente como “a escola da igreja” ou a “escola de Padre Ruy”, inferimos que contou com um corpo docente contratado pelo governo estadual e com a anuência e ou indicação do Padre. Não encontramos, entretanto, registros de concurso público ou outro tipo de seleção para provimento de vagas (fossem para docência fossem para administração), nesses seis anos, o que, talvez, possa ser desvelado em estudos posteriores, com acesso a outras fontes do arquivo da Paróquia.

Com relação às atividades realizadas na inauguração, observamos ações solenes sempre ligadas à Igreja. O Brasil, sendo um país colonizado por povos católicos, a Paraíba, que apresenta histórico de raízes religiosas, são o cenário da criação de um grupo escolar estadual, envolto de atividades religiosas desde sua criação, mesmo anos depois de grandes lutas nacionais em busca de uma educação pública laica, como foi o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932).

Dessa forma, fundou-se, em 1968, o Grupo Escolar Carlota Barreira, recebendo alunos da anterior Escolas Reunidas Padre Ibiapina e novas matrículas de diferentes localidades da cidade de Areia e seus distritos.

**Foto 11** – Alunos do Grupo Escolar Carlota Barreira na Inauguração (1968)



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira



Interpretamos, a partir de informações registradas na fotografia acima, “Alunos do ano da inauguração – 1968”, que são os primeiros alunos da instituição os quais apresentam fardamento parecido com os visualizados nas fotografias das Escolas Reunidas Padre Ibiapina.

Na Foto seguinte, temos o Padre Ruy, Dona Vitória (professora) e Madre Iluminares em frente ao prédio já finalizado. Acreditamos ser dos primeiros anos de funcionamento da instituição, pois a presença de alunas, possivelmente normalistas do Colégio Santa Rita – com o fardamento da época – e a placa com o nome “Grupo Escolar Carlota Barreira” contribuem para essa visão/leitura/compreensão. Outro fator que possibilita inferir ser uma fotografia do primeiro ano da construção é a aparência do próprio Padre e a presença da Madre Iluminares.

**Foto 12** – Construção finalizada (1968)



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

Como já dito anteriormente, o corpo docente dessa Instituição era formado, em sua maioria, pelas professoras das Escolas Reunidas. Com o passar dos anos, o grupo recebeu alunas normalistas do Colégio Santa Rita como “professorandas” e novas profissionais. Em busca de rememorar os nomes das pessoas presentes nas fotografias, foi sinalizado que a Foto 12, acima, poderia ser de alguma formação normalista com parceria entre o Colégio e o Grupo Escolar. Além disso, revela a presença feminina no quadro docente da Instituição e, mais uma vez, temos indícios da presença católica nas atividades do Carlota Barreira.

**Foto 13** – Algumas Professoras do Carlota Barreira em 1968

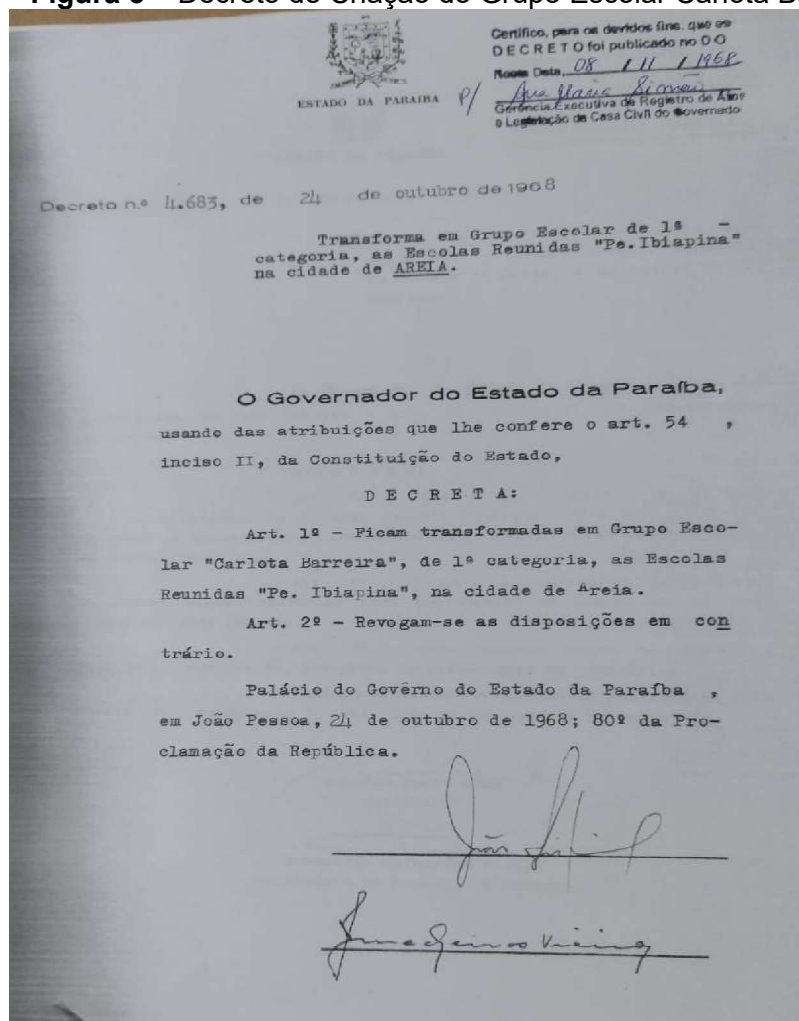


Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

O corpo docente, da esquerda para a direita: Inês Santos, Josefa Ribeiro, Lurdes Medeiros, Lenilda Martins, Maria Ramos de Vasconcelos, Iracema Moreira de Barros. Outras professoras também integraram o corpo docente, tanto vindas das Escolas Reunidas como contratadas direto para a nova instituição, mas não encontramos registros fotográficos com todas elas.

Conforme já mencionado, o Grupo Escolar Carlota Barreira já surge vinculado à rede estadual de ensino e isso fica registrado em seu decreto de criação.

**Figura 3** – Decreto de Criação do Grupo Escolar Carlota Barreira



Fonte: Secretaria de Administração Estadual – João Pessoa

O Decreto nº. 4.685, publicado 5 meses após a criação da instituição no município, registra, em seu texto, a transformação das Escolas Reunidas Padre Ibiapina em Grupo Escolar Carlota Barreira. Não foram encontrados registros, como decreto de criação ou lei, com informações sobre as Escolas Reunidas, contudo o presente decreto utiliza a nomenclatura transformação, deixando explícita a relação existente entre as duas instituições.

No texto, as assinaturas não estão legíveis, todavia, recorrendo à história da Paraíba, sabe-se que o governador que assinou o decreto foi João Agripino Maia. Um detalhe importante observado no texto do decreto é a presença da expressão “grupo escolar de primeira categoria”. Ao investigar sobre essa nomenclatura, encontramos informações sobre a classificação dos Grupos Escolares em quatro categorias, de acordo com a frequência de alunos e a sua estrutura arquitetônica, em outros estados (Minas Gerais, Espírito Santo e Rio de Janeiro).

O art 7º da lei 2.391 de 1969 dispõe que: “a) primeira categoria – os de frequência média anual superior a 90% (noventa por cento) e que tenham, no mínimo, nove salas utilizadas, biblioteca e cantina[...]”. É importante frisar que não foram encontradas informações sobre tais categorias na Paraíba, no entanto, levando em consideração o apresentado na lei sobre a primeira categoria e observando as informações obtidas sobre a construção do grupo escolar, é notório que o Carlota Barreira se inseria na primeira classificação.

Diante dessa evidência, esse decreto desmistifica a expressão “escola do padre”, a qual circula no meio da sociedade areiense, porém reforça questões já discutidas sobre a omissão Estatal no fomento financeiro na criação da instituição, transferindo sua responsabilidade para a Igreja, em um momento social propício para a disseminação das práticas de patriotismo e civismo. Além disso, o documento nos provoca a pensarmos sobre uma “obra benemérita”, uma ação de caridade que surge vinculada à Igreja e ao Estado, o que reforça o descompasso nas relações entre governo e educação.

## **A Patronesse “Carlota Barreira”**

Nomear os lugares é atitude social comum na maioria dos povos, tanto que, quando um local não possui um nome específico, procuramos pontos de referências como: “rua do meio”, “prédio de cima”. Alguns desses recebem nomes de pessoas ou de entidades de religiões diversas, sempre apontando para alguém ou algo significativo e que influenciou de alguma forma a localidade (NETA, 2016).

Dar nome a uma instituição é, então, uma forma de a identificar e diferenciá-la das demais. Mais que a identificação e a distinção de natureza, entre o patrono e a sociedade, pode existir um vínculo com a denominação patronímica. Sendo assim, conhecer o patrono de uma instituição, escolar, neste caso, é importante por explicitar as possíveis relações entre ele e a sociedade na qual esteve imerso, além de estreitar o vínculo entre a escola e sua comunidade (ALMEIDA, 2017).

Além disso, a figura do patrono pode estar relacionada com figuras públicas e personalidades que são enaltecidas pela comunidade escolar e a sociedade, especialmente em datas comemorativas. Essa forma de homenagem pode apresentar caráter patriótico, dependendo do momento histórico e de qual pessoa for homenageada. Esses não são processos aleatórios, e sim reflexo do contexto histórico, político, social e cultural situados no tempo e no espaço em que são escolhidos.

A instituição apresentada recebeu, em homenagem à mãe do Padre Ruy Barreira Vieira, seu nome como patronesse: “Carlota Barreira Vieira”, que nasceu em 1894, em Jaguaribe-CE, casada com Hilário Viera de Souza e mãe de 9 filhos (três falecidos ainda crianças). Mulher católica que criou seus filhos sob os preceitos da sua religião, incentivando-os a participar das atividades religiosas. Segundo Torres (1990) e no texto em homenagem a Dona Carlota, escrito pelo próprio filho Ruy Barreira, existia grande amor da mãe pelos preceitos religiosos e o incentivo aos filhos em serem “bons católicos”.

**Foto 14 – Carlota Barreira Vieira**



Fonte: Acervo do arquivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio (EEEFM) Carlota Barreira

O título de patronesse da instituição partiu de uma proposta feita pelas próprias professoras das Escolas Reunidas, que passaram, em seguida, para o quadro do Grupo Escolar. Segundo relato feito no “Documentário 45 anos Carlota Barreira”, a proposta foi recebida pelo Padre com muita emoção. Este completou sua resposta afirmativa dizendo que o nome seria Grupo Escolar Carlota Barreira e o lema da escola seria “Servir”,<sup>4</sup> seguindo a ideia de que o Grupo Escolar fosse ao alcance da comunidade areiense e que servisse aos necessitados.

O Grupo Escolar recebeu também uma placa, com foto da homenageada, em símbolo de gratidão. Padre Ruy Barreira (na foto, já Monsenhor Ruy Vieira) e Professora Maria das Vitórias Silva realizam o descerramento.

**Figura 15 – Descerramento da Placa**



*Descerramento por Mons. Ruy Vieira e Profª M. das Vitórias Silva do quadro com o retrato da Sra. Carlota Barreira, Patrona da Escola acima*

Fonte: Livro Areia Paróquia e Pároco – 40 anos de Francisco Torres (1990)



Dona Carlota, como é reconhecida, constituiu-se como personagem marcante na vida do Padre Ruy e, por conseguinte de toda a comunidade areiense, recebendo homenagens diversas. Por sua importância na vida eclesial do filho teve, então, seu corpo trasladado de sua cidade natal – Jaguaribe/CE – para a Matriz de Nossa Senhora da Conceição em Areia/PB.

## Conclusões

Estudar a história de uma instituição escolar é preservar a memória, é registrar e analisar os “como” e “porquês” daquele determinado local, seu surgimento, sua relevância social e sua densidade histórica. Compreendendo tal importância, este texto buscou apresentar e discutir alguns fatos históricos sobre o processo de criação do Grupo Escolar Carlota Barreira na cidade de Areia-PB, no período aqui analisado (1968-1975).

As fotografias e os trechos do vídeo permitem considerar que a instituição educativa esteve intrinsecamente ligada à paróquia local, especialmente ao Padre Ruy Barreira Vieira, e que ela possui uma história antecedente. Seu surgimento se deu a partir da junção de quatro escolas de localidades distantes no município de Areia e que, nos anos 1950, passaram a ser as Escolas Reunidas Padre Ibiapina.

Estas quatro escolas eram “obras da paróquia”, como registrado no texto de Torres (1990). Neste sentido, a educação pública da cidade já apresentava indícios de relações diretas com a Igreja. A fundação do Grupo Escolar Carlota Barreira, sendo organizada pelo Padre Ruy e fomentada por contribuições de valores doados por freiras do Colégio Santa Rita e por pessoas que estavam no ciclo de amigos do Padre, nos permite inferir a ausência estatal nesse processo, embora a instituição já tivesse sua implantação como Grupo Escolar do Governo do Estado da Paraíba, conforme registrado no Decreto nº 4.685.

Associado à Igreja Católica, o Grupo acaba sendo reconhecido como “a grande estrela das obras sociais da Paróquia, “a mais bela de todas as criações de Ruy Vieira” e recebe, como nome, o da patronesse “Carlota Barreira Vieira” em homenagem a genitora de seu fundador. As solenidades de inauguração foram marcadas pela presença de autoridades religiosas e políticas; a programação era de cunho religioso, como registram as fotografias. Como fruto desse intenso predomínio religioso, a instituição traz como lema “Servir” à sociedade areiense, em particular, às crianças pobres da paróquia. Essas informações apontam para a presença forte da caridade católica nas raízes desse processo, nos âmbitos social, político e educacional do município.

Ao olharmos para esse contexto, deparamo-nos com o desejo da Igreja Católica de “fazer o bem”, de “servir” às classes menos favorecidas, mas cabe a indagação: Por que recorrer ao Estado para apoiar e ou subvencionar seus projetos? Neste sentido, é possível identificar, além de indícios da presença atuante da Igreja no campo educativo, sua configuração como um “aparelho privado de hegemonia”, no sentido gramsciano, e a atuação do Estado apenas na contratação das primeiras professoras da Instituição.

Por fim, o estudo evidencia o papel socioeducacional desse Grupo Escolar para a história local e estadual, uma instituição que surge comportando um significativo número de alunos, especialmente para sua época, e que atendeu estudantes não só do município de Areia mas também de cidades circunvizinhas. Além disso, por continuar suas atividades em 2022, demonstra sua importância para

a formação educacional da população areiense e sua resistência, sendo uma instituição cinquentenária.

## Referências

Almeida, W. R. A. D. (2017). Professor Leovegildo Chagas Santos (1955): patrono do terceiro grupo escolar de Limeira, estado de São Paulo. **História da Educação**, 21, 335-355.

Almeida, Z. (2010). **Bem-Estar e Riqueza no Brejo de Areia**. João Pessoa, PB: Ideia.

Almeida, J. S. de. (2004). Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. *In.*: SAVIANI, Dermeval *et al.* (org.) **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados. (Coleção Educação Contemporânea).

Alves, S. S. L., & de Souza, S. T. (2021). A escola da República: implantação e expansão dos grupos escolares no Brasil (da Primeira República à Ditadura Civil-Militar). **Cadernos da FUCAMP**, 20(43).

Brito, R. de. (2020). Jornal O Norte e o pioneirismo do humor gráfico na imprensa paraibana. **Faces da História**, 7(2), 93-112.

**Lei ordinária nº. 2391 de 20 de janeiro de 1969**. (1969) Recuperado em 15 agosto 2022, de <https://leisestaduais.com.br/es/lei-ordinaria-n-2391-1969-espirito-santo--1969-01-20-versao-original>.

Gramsci, A. (1999). Introdução ao Estudo da Filosofia. A Filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 1. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

Germano, J. W. (2011). **Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo, SP: Cortez.

Konder, L. (2008). **O que é dialética?** São Paulo, SP: Brasiliense.

Kossoy, B. (2012) **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editora.

Nascimento, M. I. M., & Nascimento, M. N. M. (2010). O lugar da história na formação do professor. **Revista HISTEDBR On-Line**, 10(38), 186-196.

Neta, B. L. G. (2016) **Os nomes de escolas públicas na cidade de Mariana: microtoponímia urbana**. Dissertação. (Mestrado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem. Universidade Federal de Ouro Preto. Minas Gerais.

Netto, J. P. (2006) **O que é marxismo?** São Paulo, SP. Brasiliense.

Pereira, V. P. de O. (2017). **A educação popular na Arquidiocese da Paraíba (1966-1985)**. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal da Paraíba, Paraíba.

Pinheiro, A. C. F. (2002). **Da era das cadeiras isoladas aos grupos escolares na Paraíba**. Campinas, SP: Autores Associados.

Saviani, D. (2019). **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. 5. ed. Campinas, SP. Autores Associados.

Torres, F. T. (1990) **Areia Paróquia e Pároco 40 anos**. Areia: s.e.

Vidal, D. G. (2006) Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os Grupos Escolares em Foco. *In*: Vidal, Diana Gonçalves. (org.) **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas: Mercado de Letras.

45 ANOS “CARLOTA BARREIRA”. 2013. 1 vídeo (30 min). Publicado pelo canal Wendel Oliveira. <https://www.youtube.com/watch?v=fB5JkGZ4SvY>. Acesso em: 25 fev. 2022.

## Notas

---

<sup>1</sup> O estudo de Alves e Souza (2021) apresenta revisão bibliográfica sobre esse tema.

<sup>2</sup> Usamos a expressão “Ditadura Empresarial- Militar” por concordarmos com Germano (2011), quando afirma que o golpe de 1964 não foi a simples tomada de poder de maneira autoritária pelos militares, e, sim, o resultado da junção civil e militar. Assim sendo, esse golpe configura a ascensão de um novo bloco no poder, que envolve uma articulação entre o conjunto das classes dominantes (burguesia industrial e financeira; o capital mercantil, latifundiários e militares e uma camada de intelectuais e tecnocratas).

<sup>3</sup> Os escritos nas fotos vieram do próprio álbum da Instituição e foram mantidos no momento do recorte das imagens.

<sup>4</sup> A instituição criou, posteriormente, o seu Brasão com lema “Servir” que, desde então, encontra-se estampado em fardamento, bandeiras, desfiles e demais atividades. Essa palavra aqui ganha sentido religioso e assistencialista, não é o serviço educacional que deveria ser garantido pelo Estado, mas inferimos que é o servir no sentido de cumprir os desígnios bíblicos o que fortalece as bases de como essa escola, mesmo vinculada a rede estadual de ensino nasceu enraizada nas premissas católicas e por ela foi liderada.